



METROPOLE

SSA-BA

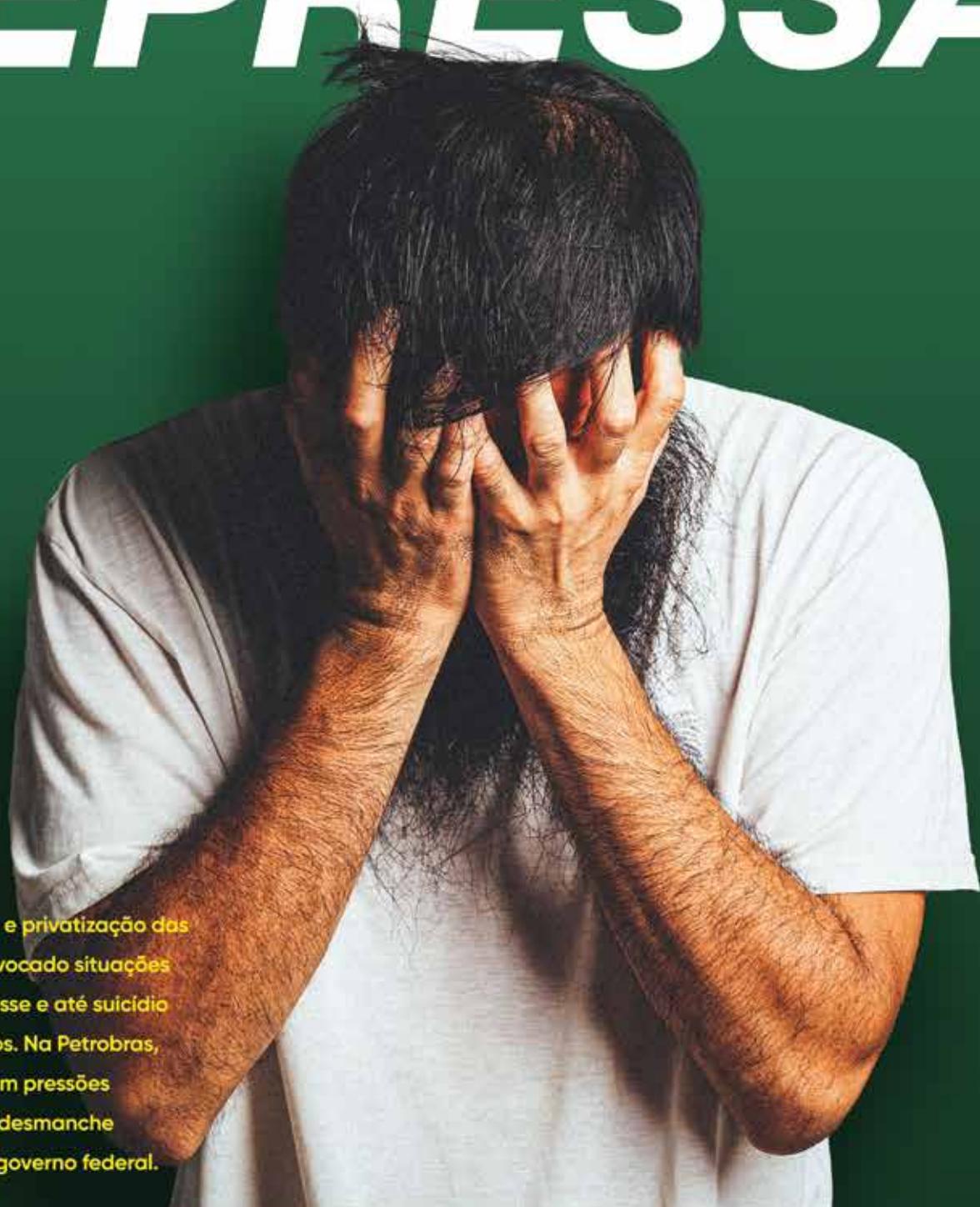
A GRANDE DEPRESSÃO

WWW>JORNALDAMETROPOLE>COM>BR

15 JUN 2021

Crise econômica e privatização das estatais têm provocado situações de assédio, estresse e até suicídio entre funcionários. Na Petrobras, servidores relatam pressões excessivas após desmanche promovido pelo governo federal.

Págs. 4 e 5





Cuba: da crise dos mísseis à guerra dos tuítes

James Martins

Depois de quase 30 anos, o mundo viu novamente protestos do povo cubano no último domingo (11). Pelas ruas de Havana e Santiago, os manifestantes gritavam em espanhol a palavra “Liberdade” (sim, com maiúscula) e pediam a renúncia do presidente Miguel Díaz-Canel. A última vez que algo semelhante aconteceu na ilha foi em 1994, no evento que se chamou de Maleconazo. Comandante do país na época, Fidel Castro classificou os protestantes, muitos dos quais fugiram pelo mar, de “contra-revolucionários”. Com inevitável repercussão no mundo inteiro, os protestos atuais reacenderam as discussões sobre a ditadura cubana, que muitos teimam em negar e/ou defender. O presidente Díaz-Canel argumentou que os manifestantes não são de fato o povo cubano, mas tão somente mercenários pagos pelo imperialismo ianque para manchar a imagem de seu governo e do regime comunista.

Essa declaração me lembrou a experiência da escritora Patrícia Galvão, a Pagu, na Rússia dos anos 1930. Após estranhar o luxo em que vivia a burocracia do partido (de fazer inveja à corte de Luís XIV), ela foi abordada num canto da Praça Vermelha do Kremlin por uma garotinha de uns 8 ou 9 anos, que pedia esmolas. “Os pés descalços pareciam mergulhar em qualquer coisa

inexistente, porque lhe faltavam alguns dedos. Tremia de frio, mas não chorava com seus olhos enormes. Todas as conquistas da revolução paravam naquela mãozinha trêmula estendida para mim, para a comunista que queria, antes de tudo, a salvação de todas as crianças da Terra. [...] Então a Revolução se fez para isto?”, escreveu anos depois. Ao questionar Boris, o membro do partido que lhe servia de guia e morava num suntuoso palácio, ouviu que não deveria apiedar-se daqueles, que seriam meros vagabundos sabotadores da construção do socialismo. “Mas como?! Crianças vagabundas num país soviético?”, Pagu ainda se perguntou.

De volta a Cuba, curiosamente o contorcimento para justificar o injustificável não se resume à cúpula da ilha. Aqui, vemos contumazes defensores do povo e da democracia apoiando ou fingindo não ver as prisões dos manifestantes e de jornalistas que cobriram os protestos. Ou então, como fez o ex e talvez futuro presidente Lula, colocando a culpa de tudo (ainda) no embargo dos Estados Unidos. Em parte, a erupção se deu por causa do colapso do sistema de saúde cubano frente à pandemia de coronavírus. É triste, pois no começo do processo, o país, cuja medicina é motivo de orgulho, havia controlado bem o avanço

da praga e até mesmo produziu sua própria vacina. Mas agora a coisa desandou, as mortes se somam, e velhas frustrações e privações acumuladas vieram à tona nas ruas. Outra medida do governo para sufocar as manifestações foi cortar a internet.

Pois bem, se peixe morre pela boca, parece que será também via rede que o regime cubano fenecerá. Não dá para sustentar nenhum sistema econômico no mundo atual com um vocabulário mais para perestroika que para hashtags. A abertura promovida por Raul Castro mirou no óbvio, mas trouxe um efeito colateral. Logados, os cubanos já não estão tão ilhados e suas insatisfações explodirão outras vezes. O que foi a crise dos mísseis, sem sequer passar pela dos torpedos, é agora a guerra dos tuítes. E eu quero ver Cuba postar.

PS: Mas como sei que há muita distorção da imprensa oficial burguesa alimentada pela CIA, vou acessar daqui a pouco o Brasil 247 e o Diário do Centro do Mundo para ser iluminado pela verdadeira verdade.



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, Juliana Rodrigues, Kamille Martinho, Rodrigo Meneses e Stephanie Suerdieck**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



COMPLETE A PROTEÇÃO TOME A 2ª DOSE

Para vencermos a covid, não dá para se proteger pela metade. Por isso é fundamental tomar a 2ª dose para garantir toda a proteção que a vacina oferece. E, para que cada vez mais pessoas estejam protegidas, a Prefeitura vem antecipando a aplicação da 2ª dose. Fique atento à data da 2ª dose, que está marcada no seu cartão de vacinação, e aos avisos da Prefeitura, nas redes sociais.



Pressão, assédio e morte

Processo de privatização da Petrobras tem afetado diretamente saúde mental de funcionários da empresa; caso extremo terminou em suicídio

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

“Nunca esqueço do dia 26 de dezembro de 2019. Tínhamos acabado de voltar do Natal, fomos chamados a uma sala de reunião e soubemos que iríamos ser transferidos para outros estados. Eu comecei a chorar, tive uma crise nervosa na frente de todos os colegas”.

O relato de uma funcionária da Petrobras, ouvida sob anonimato pelo **Jornal da Metrópole**, ilustra a tensão e a instabilidade vividas pelos servidores desde 2019, quando, no primeiro ano de gestão do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), a estatal passou a desmobilizar suas operações em diversos campos e plantas no Norte e no Nordeste do país — processo que ganhou o nome de “desinvestimento”.

Na Bahia, o primeiro alvo foi o edifício Torre Pituba, sede administrativa da empresa, em Salvador.

Os quase 1,4 mil trabalhadores do prédio só não tiveram que sair às pressas porque um acordo entre a Petrobras e o Ministério Público do Trabalho (MPT), celebrado ainda no mês de dezembro, impediu que isso ocorresse.

Além do plano de demissão voluntária (PDV) estabelecido no ano anterior, o pacto estabelecia a transferência escalonada de aproximadamente 730 empregados para

outros estados, enquanto 410 seriam realocados em outros postos de trabalho na Bahia.

Houve, ainda, a criação de um grupo de excepcionalidade, formado por 250 funcionários que permaneceriam em Salvador por questões de saúde. O prazo dado foi de até 18 meses.

“Minha filha de 6 anos tinha sido diagnosticada com uma doença grave. O pai dela morava fora do Brasil. Além disso, eu desenvolvi ansiedade. Não houve nenhum questionamento e a junta médica aceitou meu pedido”, conta a funcionária, ouvida na abertura desta reportagem.

Ela relata ainda que, com o prazo expirado, novas preocupações surgiram. “Eu passei por uma nova avaliação e minha excepcionalidade não foi mantida. Desde o dia 2 de junho eu peço explicações à área de saúde da Petrobras. Só recebi um relatório um mês depois, com informações incompletas. A empresa disse que não vai rever a decisão. Aí começou todo um processo de assédio e tortura psicológica”.

Outro empregado da área administrativa da empresa, que também não quis se identificar, diz que a reavaliação dos casos foi feita por profissionais terceirizados, de forma fria e descuidada.

“Eles aplicaram um questionário objetivo, de ‘sim’ e ‘não’. A empresa está trabalhando de forma orquestrada para atingir uma meta de transferência”, afirma.



Foto 1: Protesto de funcionários da Petrobras, em 2019 **Foto 2:** Refinaria Landulpho Alves, vendida para grupo árabe **Foto 3:** Torre Pituba, antiga sede da estatal





Empresa diz ter iniciativas voltadas para a saúde mental

Em nota enviada ao Jornal da Metrópole, a Petrobras afirma ter “iniciativas voltadas para a promoção da saúde integral, incluindo ações voltadas à saúde mental” e “disponibilização de canais de escuta e acompanhamento”, sem responder aos questionamentos específicos sobre as unidades da Bahia.

De acordo com a empresa, os programas foram reforçados após o início da pandemia. “É importante destacar que durante o processo de desinvestimento há comunicação constante com os empregados e apoio local de equipes de recursos humanos e saúde”, diz o comunicado.

Sobre a transferência dos empregados do Edifício Torre Pituba, a estatal afirma que “a área de Saúde identificou empregados em condições de excepcionalidade e segue reavaliando individualmente, em observância ao compromisso com a saúde e segurança das pessoas e ao que foi acordado com o MPT e homologado pela Justiça do Trabalho”.

A Petrobras diz que “garante o pagamento das vantagens de transferência vigentes em 30 de setembro de 2019” quando os funcionários tiverem “cessação de suas situações limitantes e possibilidade de transferência para outros estados”.



2

Ele diz que passou a precisar de acompanhamento psicológico e usar medicamentos. “Meu maior medo era ter que buscar um outro emprego depois dos 40 anos. A Petrobras é um lugar que quando você entra, você não pensa em sair”.

O coordenador-geral do Sindicato dos Petroleiros e Petroleiras do Estado da Bahia (Sindipetro-BA), Jairo Batista, afirma que, com a instabilidade causada pelo desinvestimento, trabalhadores da Petrobras no estado passaram a apresentar queixas de saúde com maior frequência.

“A partir de 2019, o número de profissionais de psicologia na empresa foi reduzido. Eram cerca de 40, hoje são dois para toda a Bahia. Em paralelo, aumentaram a pressão sobre os funcionários. Ou eles pediam demissão ou eram transferidos. Muitos trabalhadores estão doentes. Se a gente faz uma reunião com 70 pessoas, no mínimo 15 têm crises de choro falando de suas situações”, diz.

SUICÍDIO

A pressão psicológica vivida pelos trabalhadores foi o pano de fundo de um caso extremo ocorrido na Refinaria Landulpho Alves (RLAM), em São Francisco do Conde, Região Metropolitana de Salvador.

Em 22 de setembro de 2020, um empregado cometeu suicídio nas dependên-

cias da unidade, que também está incluída no processo de desinvestimento da Petrobras. O incidente foi alvo de uma auditoria do Subsecretaria de Inspeção do Trabalho (SIT)/Ministério da Economia, e pelo Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador (Cesat) da Bahia, que concluiu que a morte está diretamente ligada a condições de trabalho desfavoráveis, ambiente de insegurança, de tensão e de mal-estar coletivo. Por estas razões, a RLAM recebeu seis autos de infração.

Em 9 de junho deste ano, a venda da RLAM foi oficializada em compra, pelo valor de US\$ 1,65 bilhão, ao fundo de investimentos árabe Mubadala.

O coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros (FUP), Deyvid Bacelar, endossa as denúncias do líder do Sindipetro. “Há um processo de sucateamento que não é divulgado. A refinaria tinha duas psicólogas próprias, concursadas da Petrobras, além de assistentes sociais. Tudo isso tem sido reduzido. Agora, após o suicídio do companheiro, a gestão da empresa contratou uma assistente social terceirizada e deslocou um psicólogo que atuava em outra unidade. Mas ainda é muito pouco”, afirma.

Bacelar cita uma ação civil-pública contra a estatal para que os danos sejam reparados. “Temos elementos suficientes na mão para ter uma ação forte do MPT e das famílias contra a Petrobras”, diz.

3

A Ilha sem máscaras

Jornal da Metropole mostra a vida em Ilha de Maré, local onde quase toda população acima dos 18 anos já foi vacinada. Moradores andam sem proteção, mas não querem receber evento-teste da prefeitura

Fotos **Tácio Moreira**

Texto **Rodrigo Meneses**
redação@metro1.com.br

Uma ilha de 13,7 km² com 4.236 moradores, 221 casos registrados de Covid-19 desde o início da pandemia, mas sem desfecho com mortes. Aliás, nenhum dos infectados sequer precisou de internação. É dessa forma que o coronavírus está se apresentando em Ilha de Maré, uma das três ilhas pertencentes ao território de Salvador — as outras são: Ilha de Frades e Bom Jesus dos Passos. Os dados são da Secretaria Municipal de Saúde.

Partindo do Terminal Hidroviário de São Tomé de Paripe, no Subúrbio Ferroviário, o **Jornal da Metropole** atravessou os 5 km que separam a Ilha de Maré do continente para mostrar a rotina dos moradores em um lugar onde o coronavírus aparenta estar muito mais controlado que em outras regiões da cidade. Caso a doença seguisse o mesmo comportamento que tem seguido em outras áreas de Salvador, por exemplo, Ilha de Maré



Travessia até a Ilha de Maré é feita de barco. De São Tomé de Paripe até a chegada no atracadouro são 5 km pela Baía de Todos os Santos

deveria ter registrado, pelo menos, seis óbitos. Isso porque, a taxa de letalidade pelo coronavírus em toda capital é de 3,09%.

“O povo brinca dizendo que a vacina da gente é o marisco”, conta o barqueiro Pedro Henrique, 39 anos, em referência ao hábito alimentar dos moradores da ilha. A comerciante Sabrine Gomes, 33 anos, diz já ter ouvido muitas possíveis explicações dos moradores para a boa resistência contra a doença. “As pessoas falam que é o salitre, o marisco... Mas acredito que o que pode ajudar mesmo é a combinação de alguns fatores”, conta.

“A grande maioria mantém o hábito alimentar saudável com peixes, mariscos, frutas e verduras plantadas aqui mesmo na ilha, o deslocamento entre as comunidades é feito a pé. Quando tem aglomerações por causa de alguma comemoração, é sempre na rua, porque não temos espaços fechados para evento”, completa a comerciante.

Por não ter conhecido de perto a versão mais nefasta da doença, os moradores de

Ilha de Maré abandonaram desde o ano passado o uso de máscaras, principal acessório de proteção contra a infecção; muito antes do início da vacinação por lá. No dia primeiro de julho, a Prefeitura de Salvador aplicou a vacina de dose única da Janssen para toda a população acima de 18 anos. Antes, havia começado a vacinação para os idosos. Em março, pessoas acima de 18 anos das quatro comunidades quilombolas da Ilha receberam a primeira dose.

“Eu tive muito medo de pegar a doença. Acabei pegando, mas não tive sintomas graves, como todos aqui. Aí todo mundo acabou relaxando”, admite o aposentado Cosme José, 75 anos, que não usava máscaras no momento da conversa, assim como um grupo de moradores sentados em uma praça.

A pescadora Leide Maria, 38, foi uma das poucas pessoas que usava máscara em Ilha de Maré e explicou o motivo. “Eu não gosto de máscara, mas estou usando porque tive Covid há 15 dias”, relatou. Ela lembra que no início da pandemia, o

clima chegou a ser de pânico na ilha e as pessoas seguiam as recomendações. “No início, você não via ninguém na rua. O clima era de pânico mesmo com as notícias sobre a doença, mas depois todos relaxaram e passaram até a se aglomerar e fazer festa”, admite.

EVENTO TESTE E VACINA

Apesar do comportamento de não usar máscaras, os moradores da Ilha de Maré não têm um comportamento de total negação à doença. Eles comemoraram a ampliação da vacinação para as pessoas acima de 18 anos, mas são contra a realização de um evento teste na ilha. O prefeito Bruno Reis (DEM) anunciou que pretende fazer um show musical em uma das ilhas de Salvador, para testar a eficácia da vacinação, mas ainda não anunciou a data nem o local.

“Acho que ainda é cedo para realizar esse teste. Poderia ser mais pra frente, a partir de dezembro. Não tem como fazer o controle de acesso aqui em Ilha de Maré. Se for uma banda boa, vão vir pessoas de várias localidades próximas. A ilha vai lotar e aí aumenta o risco de contaminação”, afirma Geraldo Roque, 54, que é dono de bar e poderia se beneficiar com a festa.

Em nota, a Prefeitura informou que o evento teste só ocorrerá quando os índices da Covid-19 na cidade permitirem a realização de forma segura para todos, com todas as pessoas acima de 18 anos vacinadas e após todos os protocolos serem definidos e validados.



A comerciante Sabrine Gomes brinca que o salitre e os mariscos protegem os moradores do coronavírus



Nas praças, moradores ignoram o uso de máscaras após vacinação em massa com dose da Janssen

221

Casos de Covid-19 tem Ilha de Maré desde o começo da pandemia



Violência nos postos de saúde

Enfermeiros e técnicos de enfermagem relatam agressão durante aplicação das vacinas contra a Covid-19; profissionais têm abandonado trabalho por conta dos ataques

Texto **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Filmagem sem autorização, palavras ofensivas, álcool borrifado no rosto e até murros. As agressões verbais e físicas aos profissionais de saúde têm se tornado frequentes nos postos de vacinação contra Covid-19 de Salvador.

Expostos a situações extremas, enfermeiros e técnicos de enfermagem chegam a desistir de suas funções com medo da violência.

“É algo rotineiro. O intervalo entre os registros varia, mas é muito corriqueiro. Toda semana ou de três em três dias é possível registrar uma agressão”, comenta uma técnica de enfermagem, que não quis se identificar, em entrevista ao **Jornal da Metropole**.

De acordo com a diretora de Vigilância à Saúde, Andréa Salvador, os motivos dos ataques são variados, mas o principal parte de pessoas que tentam se vacinar fora da faixa etária anunciada no dia. “Alguns acreditam que o profissional não está aplicando a quantidade certa

de vacina, porque a dose realmente é muito pequena”, explica.

DESDE O COMEÇO

Os registros de agressões não são recentes. Desde o início do processo de imunização na capital baiana, em 15 de janeiro, os profissionais de saúde têm que lidar com a população insatisfeita. Antes, o comportamento violento e ofensivo era identificado nos acompanhantes de idosos, mas à medida que a faixa etária do público foi avançando, os registros de violência aumentaram.

“É um sentimento de extrema insegurança”, desabafa a enfermeira Luciane Silva. “Eu fui agredida no PAF, em Ondina. Estava conversando com a supervisora e, quando vi, uma mulher estava em cima da caixa da vacina. Como é um ponto drive-thru, não podemos vacinar fora do carro e expliquei a ela. A partir daí, comecei a ser xingada. Ela veio com a mãe pra cima de mim e só não me bateram porque meus colegas as impediram”, afirmou. Luciane registrou um boletim de ocor-

rência, procedimento que nem todos os profissionais agredidos chegam a fazer. “Infelizmente são poucos os profissionais que oficializam esses casos. Os mais envergonhados simplesmente decidem abandonar seus postos”, comenta Andréa Salvador.

Recentemente, a prefeitura precisou convocar 100 novos vacinadores para dar continuidade ao processo de imunização, em decorrência da desistência de enfermeiros e técnicos de enfermagem.

Para Luciane, a insegurança surge porque não há policiamento nos postos de vacinação e os profissionais de saúde ficam “ao léu”. “Eu não acredito que algo vá mudar. Já banalizou. Todos sofreram agressões, já virou rotina”, diz.

A diretora de Vigilância à Saúde diz que um levantamento é feito para monitorar os casos, mas que o número é subnotificado. Segundo Andréa, para impedir a violência a prefeitura firmou uma parceria com a Guarda Municipal, além de veicular campanhas na imprensa e nas redes sociais. Andréa ressalta, entretanto, que só o que impedirá novas ocorrências é a empatia por parte da população.



Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!



INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP

Procurando alpha, gamma e beta

Pesquisador explica como é feito o processo de identificação das variantes do coronavírus e a definição do país de origem de cada uma



Texto Stephanie Suerdieck

stephanie.suerdieck@radiometropole.com.br

Desde o surgimento da primeira variante do Sars-CoV-2, vírus causador da Covid-19, o mundo está em alerta para as mutações do coronavírus.

A primeira ocorrência registrada foi no Reino Unido e, desde então, muitas dúvidas pairam em torno do real impacto que elas provocam no curso da pandemia.

Para esclarecer muitos pontos, o **Jornal da Metropole** conversou com o pesquisador em Saúde Pública pela Fiocruz e professor de imunologia da Faculdade de Medicina da UFBA, Ricardo Khouri. Ele explicou como funciona o processo de mutação do coronavírus. “Essa replicação é um fenômeno natural, faz parte da evolução do vírus e acontece de forma falha quando ele acessa as células do corpo humano. Isso ocorre o tempo inteiro e, assim, podemos dizer que sempre vão ter variantes. Temos uma taxa fixa de modificações do material genético do vírus ao longo do tempo e cada mutação dessa gera uma nova variante”.

No entanto, segundo o especialista, a maioria das mutações não traz consequências. A grande questão é quando surge o

que se chama de ‘variante de preocupação’. “O vírus consegue alguma vantagem e fica mais poderoso, demonstrando ganho no seu processo de replicação, de transmissão e de causar doenças mais graves”, detalha o pesquisador da Fiocruz.

E com esse novo poder, a nova cepa toma conta do terreno destronando variantes “menos poderosas”.

Até aqui foram identificadas mutações no Reino Unido, na África do Sul e no Brasil – pela primeira vez em Manaus, mas atualmente já presente em boa parte do território brasileiro. As mais recentes são a Delta, detectada pela primeira vez na Índia e a Lambda, identificada no Peru.

Mas como acontece a identificação das variantes? De acordo com Ricardo Khouri, inicialmente é bem mais fácil classificar uma variante a partir do local onde foi identificada pela primeira vez.

Posteriormente, quando os estudos avançam, geralmente se comprova que se trata do mesmo local onde se originou. “O vírus vai evoluindo e, como essa modificação tem um tempo fixo, nós conseguimos rastrear, a partir do sequenciamento de diversas amostras, o local mais provável de onde surgiu e quando surgiu”, detalha.

Vacina e controle de transmissão seguram mutações

O especialista destaca que as ‘variantes de preocupação’ normalmente surgem onde tem maior transmissão do vírus. Em locais com poucos casos, a chance de acontecer reduz bastante. Isso porque, quando elas surgem, passam a ser muito mais transmissíveis, além de mais resistentes aos nossos anticorpos.

“A variante de Manaus, por exemplo, está bem atrelada com alta transmissão e a quantidade de pessoas que já tinham sido infectadas no passado. E assim acontece a doença mais grave, já que o vírus se replica mais, gera maior carga viral e consegue escapar da barreira do sistema imunológico”, explica.

Ricardo Khouri aponta que o sinal que mais gera preocupação é quando uma variante se estabelece e passa a ter transmissão local. Nesse cenário, para ele, duas estratégias são fundamentais. Uma delas é o avanço da vacinação e a outra é o controle da transmissão.





Cuba e o solução de Bolsonaro

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrôpole

A pandemia acentuou os problemas sociais de todos os países do mundo. Não poderia ser diferente com Cuba, a ditadura de esquerda mais longeva do mundo, com uma população que há décadas experimenta toda a sorte de privação econômica. Com o embargo econômico mantido pelos Estados Unidos, a derrocada do turismo internacional causada pela COVID, a queda significativa da remessa de dólares enviados por cubanos exilados na Flórida, o desabastecimento de comida, insumos para vacinas e remédios e a crise de energia elétrica, a pressão social no país explodiu.

Depois de seis décadas de ditadura dos irmãos Castro, Fidel e Raúl, os cubanos perderam o medo e foram para as ruas no último domingo pedir liberdade e gritar “abaixo a ditadura”. A primeira reação do presidente Miguel Díaz-Canel foi manter a culpa pela crise exclusivamente na conta do embargo dos Estados Unidos, prender cerca de 150 pessoas, cortar o acesso de internet que existe na ilha, vinda de um cabo submarino da Venezuela, e anunciar que não houve protestos, mas uma ação orquestrada de contrarrevolucionários, manipulados pelos Estados Unidos para promover guerra entre os cubanos e desestabilizar o regime. Então tá.

Em poucas horas os protestos cubanos caíram na roda da campanha eleitoral brasileira, essa que não termina nunca, desde o 2º turno em que Dilma Rousseff venceu Aécio Neves e levou pela metade, derrubada que foi pelo impeachment de 2016. A própria Dilma foi para as redes sociais manifestar seu apoio ao governo

cubano e reiterar a responsabilidade dos Estados Unidos na falta de tudo em Cuba. Mas repercussão mesmo quem gerou foi o candidato do PT em 2022, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Perguntado sobre os protestos cubanos, Lula os considerou uma mera passeata e fez um paralelo, para minimizar a repressão contra os manifestantes, entre a ação do presidente Díaz-Canel e o racismo policial dos Estados Unidos. “Mas você não viu nenhum soldado em Cuba com o joelho em cima do pescoço de um negro, matando ele”, postou Lula, em sua conta no Twitter, numa referência à morte de George Floyd por asfixia, na cena em que um policial branco esmaga-lhe o pescoço com o joelho. Como no Brasil todos os dias a imprensa e as redes contabilizam milhares de referências à palavra ditadura e aos riscos que a democracia estaria sofrendo com as ações do governo Bolsonaro, a defesa da ditadura cubana pulou para a agenda da campanha. Bolsonaristas, antipetistas, dúzias de outrosistas reagiram ao tom cordial e fofo como o PT trata as ditaduras de esquerda. Até a atriz Juliana Paes fez troça, perguntando se o silêncio que ela estava testemunhando no Twitter diante dos protestos em Cuba era aquilo mesmo ou um delírio comunista, só dela.

TIKTOK E FACADA

Contrariando um dos lemas da revolução cubana que tomou o poder em 1959, ‘patria o muerte’, os críticos da ditadura subverteram o grito de ordem de Fidel e

adotaram uma desconstrução, tornada famosa pelo rapper Maykel Castillo: ‘patria y vida’. Para a esquerda brasileira, é pecado criticar o modo como as coisas funcionam em Cuba. Nem mesmo os jovens ativistas progressistas, democráticos, antifascistas tocam no assunto em seus perfis. Não deixa de ser um excelente exercício de humor imaginar como a blogueiragem que sabe tudo e tem tudo a ensinar se comportaria se um governante do seu país fascista lhe cortasse a internet, lhe tirasse da rotina e de um clique só o Instagram, o Twitter, o TikTok, o Spotify, tudo o que é agregador de podcast e o Facebook.

Voltando a Lula e às virtudes do regime cubano. Os defensores da terceira via se apagaram à defesa do governo cubano pela esquerda para reiterar a tese do ‘nem Lula nem Bolsonaro’. Já o próprio presidente, coitado, não pôde ainda dar qualquer pitaco sobre o que pode ser a primavera árabe à la Cuba. Depois de dias sofrendo com uma crise de soluços incessantes, Bolsonaro foi forçado a ficar mais calado. Cancelou parte dos compromissos oficiais e, como se diz no popular, baixou o hospital, com dores abdominais intensas. O soluço é real, mas o diagnóstico ainda era alvo de especulações até a noite de quarta, no fechamento desse texto: refluxo, estresse, doença intestinal. Falasse até em redução cirúrgica de parte do intestino. E claro, sobem as teorias conspiratórias que mesclam facada, soluço, cirurgias e aquela doença. O mundo é hostil pra todos. De Cuba ao Haiti. De Joanesburgo a Brasília.



MP quer explicação sobre evento-teste

O Ministério Público da Bahia (MP-BA) requereu à prefeitura de Salvador informações técnicas sobre o evento-teste previsto para acontecer no dia 29 de julho. O experimento deve reunir 500 pessoas, todas vacinadas contra a Covid-19, em área do Centro de Convenções, na Boca do Rio. A ideia é monitorar possíveis casos da doença no público que comparecerá ao local. Promotores do Grupo de Trabalho de enfrentamento ao coronavírus do MP, no entanto, cobram dados que atestem a viabilidade de um evento-teste em meio à propagação de variantes mais transmissíveis. Sem mencionar se já dispunha dos detalhes requeridos, o Palácio Thomé de Souza disse ao **Jornal da Metropole** que o evento-teste está em fase de planejamento. Já o prazo para responder aos pedidos de explicações do MP expira sexta.

igor santos/secom



Eduardo Leite faz périplo em Salvador

Pré-candidato ao Planalto em 2022, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), desembarca nesta sexta-feira (16) em Salvador, onde se reunirá com correligionários e caciques da política local. Na agenda está previsto um encontro com presidente estadual da legenda, o deputado federal Adolfo Viana, e com o prefeito de Mata de São João, João Gualberto, escolhido pelo partido para compor a chapa a ser encabeçada por ACM Neto (DEM) na disputa pelo governo da Bahia. Leite, a propósito, também iniciará conversas com o ex-prefeito soteropolitano. Em entrevista recente ao programa *Conversa com Bial* (TV Globo), o gestor gaúcho, de 36 anos, assumiu ser homossexual e disse ter orgulho de quem é. “Eu sou gay e sou um governador gay. Não sou um gay governador, tanto quanto Obama nos EUA não foi um negro presidente. Foi um presidente negro”, declarou durante a entrevista.

divulgação



Dinheiro do festival virá de Coelho

O tradicional Festival de Jazz do Capão está impedido de captar recursos via Lei Rouanet. O sinal vermelho foi emitido pela Funarte, em parecer carregado de referências religiosas e que aponta um suposto teor “ideológico-partidário” no evento. A decisão da autarquia federal, hoje sob o guarda-chuva do bolsonarista Mário Frias, baseia-se numa postagem no Facebook na qual o festival se declara “antifascista e pela democracia”. Ex-coordenadora de teatro da Funarte, Maria Marighella (PT), vereadora de Salvador, se disse “surpresa”, uma vez que conhecia o perfil técnico do autor da controversa deliberação. Já o vereador Alexandre Aleluia (DEM) celebrou o veto. Motivo: André Porciúncula, responsável pela Rouanet, foi indicado por ele para auxiliar o ex-ator de Malhação. Após a negativa, o escritor Paulo Coelho anunciou que destinará R\$ 145 mil para cobrir os gastos do festival. Mas impôs uma condição: “Que seja um evento antifascista e pela democracia”.

reprodução



Pizza no forno na Alba

O deputado estadual Luciano Simões Filho (DEM), relator do processo por quebra de decoro contra Capitão Alden (PSL), deu parecer favorável à suspensão do mandato do parlamentar bolsorista pelo prazo máximo de 30 dias. A medida consta de relatório apresentado em reunião extraordinária do Conselho de Ética da Assembleia Legislativa (Alba). Alden é alvo de um processo disciplinar por ter acusado, sem provas, o bloco da oposição de receber R\$ 1,6 milhão em propinas mensais da prefeitura de Salvador. A perda de mandato é a penalidade máxima prevista no Legislativo baiano. Nos bastidores, porém, já é dado como certo um acordo para que o deputado sofra uma punição mais branda, a exemplo da penalidade proposta pelo relator.

Testes falsos

O prefeito de Jeremoabo (BA), Derivaldo José dos Santos, o Deri do Paloma (PP), é alvo de uma ação na Justiça Eleitoral sob acusação de ter falsificado exames para detecção de Covid-19 durante a corrida eleitoral em que acabou reeleito, em outubro do ano passado. Segundo denúncia ajuizada em dezembro, a suposta fraude teria como finalidade impedir que eleitores da candidata adversária comparecessem às sessões de votação. Articulada pela bancada de oposição na Câmara de Vereadores, a ação pede que Deri tenha o mandato cassado por abusos de poder político e econômico e fique inelegível por oito anos. À coluna, o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) informou que o caso está concluso para decisão —ou seja, está à disposição do juiz aguardando decisão inicial, intermediária ou mesmo final.

Em cartaz: a falência anunciada

Espaços culturais padecem em Salvador. Livrarias e balé fecham as portas e circuito de cinema faz vaquinha para tentar sobreviver



Texto Adele Robichez

adele.robichez@radiometropole.com.br

Duas livrarias fechadas, um balé de quase 40 anos extinto e um circuito de cinema fazendo vaquinha para reabrir as portas durante pandemia. A crise sanitária, em seus mais de 15 meses, trouxe prejuízos imensuráveis aos espaços de arte em Salvador.

Em setembro de 2020, a rede de livrarias Saraiva encerrou as atividades na capital. Dez meses depois, foi a vez da Cultura, concorrente, vender o acervo e fechar as portas. Um pouco antes, o ballet Rosana Abubakir, na Pituba, anunciou que não renovaria as matrículas e se despediu, deixando uma legião de alunas saudosas.

O Balé Folclórico da Bahia caminha trôpego, sem condições financeiras de se manter. Já o Circuito Saladearte de cinema recorre ao financiamento coletivo para impedir uma despedida precoce, aumentando a lacuna no ambiente cultural.

O desaparecimento desses espaços, porém, não é uma consequência apenas da crise sanitária. Antes da pandemia, o setor cultural já vinha enfrentando dificuldades, afirma Beth Ponte, gestora e pesquisadora cultural. “O setor já apre-

sentava fragilidade. Aliás, nunca esteve em uma situação confortável”, diz. “Mas a pandemia agravou isso tudo e foi devastadora”, admite.

Segundo dados do relatório do Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA), integrado por Beth, publicado em agosto de 2020, 67,8% das organizações culturais inseridas na pesquisa afirmaram acreditar que só teriam recursos para garantir a subsistência por um período máximo de três meses. “Fico muito triste de ver que várias coisas que antevê há um ano estão realmente acontecendo”, lamenta.

TRAGÉDIA CULTURAL

“É uma tragédia na área cultural”, avalia o produtor e gerente do Circuito Saladearte, Marcelo Sá.

Em entrevista ao **Jornal da Metropole**, ele esclarece que a campanha de arrecadação de recursos visa a reabertura das salas de cinemas. “O funcionamento depende da bilheteria, dos clientes”, afirma. Com o avanço da retomada do comércio, os cinemas e teatros foram autorizados a abrir na semana passada, o que acende

uma luz no fim do túnel para a sobrevivência do espaço.

O circuito Saladearte mantém salas no Shopping Paseo Itaipara; na Ufba; no Museu, na Vitória; e no MAM, no Solar do Unhão. “Era meu programa de domingo. E se tinha filme bom, ia três vezes na semana”, diz Gerluce Alves, 66 anos.

JOGANDO A TOALHA

Já o Balé Folclórico da Bahia, paralisado desde o início da pandemia, não tem perspectiva de volta, nem com a reabertura dos espaços culturais permitida pela prefeitura. “Temos uma situação particular: o nosso público. Principalmente nos espetáculos do Pelourinho, mais de 90% é estrangeiro. O turismo nacional não frequenta espaços culturais”, explica Walson Botelho, conhecido como Vavá, diretor geral do Balé Folclórico.

Questionado sobre um possível desaparecimento do tradicional balé, Botelho afirma que “existe essa possibilidade”.

“Tenho usado recursos pessoais, mas já larguei de mão. Não estou mais dando bola porque chegou em um limite que não está dando”, desabafa.





divulgação

1

Foto 1: Sala de cinema da Ufba, do circuito Saladearte.
Foto 2: apresentação do Balé Rosana Abubakir, na Pituba.
Foto 3: Fachada da livraria Cultura, no Salvador Shopping.
Foto 4: Apresentação do Balé Folclórico da Bahia, no Pelourinho



divulgação

2



divulgação

3



divulgação

4

Setores reclamam de políticas efetivas

Embora reconheça a importância de leis como a Aldir Blanc e as iniciativas da Fundação Gregório de Mattos, em Salvador, a gestora Beth Ponte critica a limitação das ações nacionais, estaduais e municipais no âmbito cultural.

“As ações do poder público são necessárias e positivas, mas são insuficientes. Muita coisa poderia ser feita, como investimentos além de repasses financeiros, mas de fortalecimento do setor”, indica. Diretor geral do Balé Folclórico, Vavá diz que não houve ações para evitar a degradação de importantes segmentos.

“A gente já vinha desde antes da pandemia num processo de degradação desses espaços e a pandemia piorou tudo isso. O poder público não teve planejamento, visão ampla da situação, e hoje a gente corre o perigo de levar Salvador a uma situação degradante. É muito triste, há muitos anos eu não vejo isso”.

“A gente não tem apoio para nada”, completa Rosana Abubakir. Durante os 40 anos de funcionamento da sua escola, ela diz que “trouxe grandes bailarinos para a Bahia, todos por conta própria”. Segundo Sá, gerente da Saladearte, as leis culturais tiveram “atrasos” e “buracos”. Além disso, ele diz que a administração nacional tem uma grande parcela de culpa na falta de apoio à cultura. “O governo federal atrapalha. Não é questão política, é questão humana”, pontua.

Relatório apontou a iminente falência dos espaços de cultura

CULTURA



METROPOLE

ENTREVISTA

Bruno Reis

PREFEITO DE SALVADOR (DEM)



O prefeito Bruno Reis (DEM) demonstrou preocupação com a nova variante delta em Salvador. Apesar da diminuição gradual do número de internamentos na capital, o gestor disse que isso não pode indicar um relaxamento, uma vez que a cepa recém-descoberta tem índice de contaminação muito alto. As declarações foram dadas ao **Jornal da Metropole** após visita do prefeito ao programa de José Eduardo, na **Rádio Metropole**.

“Ninguém pode assegurar que uma nova variante, como essa delta, possa chegar a nossa cidade e estar circulando nas ruas. Devemos continuar usando máscara, evitando aglomerações, tomando todos os cuidados. É isso que vai permitir que a gente avance nas medidas de flexibilização sem recuar. Quero deixar claro que, se os números voltarem a crescer, não hesitaremos em tomar medidas necessárias para evitar o crescimento do vírus e salvar vidas”, pontuou.

EVENTO-TESTE

Em resposta à crítica feita pelo governador Rui Costa (PT), para quem um evento-teste com 500 pessoas na capital seria inadequado, o prefeito Bruno Reis (DEM) rebateu dizendo que o experimento planejado pela gestão municipal só ocorrerá num cenário de desaceleração da pandemia.

“O que eu tenho dito em relação ao evento-teste é que nós precisamos definir protocolos para retomada dos eventos em nossa cidade. Isso com o avanço da vacina, com a redução dos números. Eu vou começar a apresentar como será esse evento, com toda a responsabilidade e segurança que o momento exige, de forma organizada e planejada, com todos os protocolos”, declarou o prefeito.

CARNAVAL

O prefeito disse ainda que o ano de 2022 deve ficar marcado como o da retomada dos eventos. O gestor indicou a possibilidade da realização do Réveillon, Carnaval e todas as festas de largo durante o verão (Bom Jesus dos Navegantes, Bonfim, Iemanjá etc).

“Tendo segurança sanitária, vai ter Réveillon, Carnaval e todas as festas populares de largo. O que é que vai decidir isso? Se tivermos 100% da população imunizada. Há uma tendência do Ministério da Saúde de descer a vacina até os 12 anos de idade. Se a vacina trouxer a segurança pra esses grandes eventos, vamos ter Réveillon e Carnaval”, assegurou.



ENTREVISTA

Carlos de Souza Andrade

PRESIDENTE DA FECOMERCIO-BA

Os efeitos da Covid-19 foram devastadores para o comércio em todo o mundo. No entanto, com o avanço da vacinação, um sopro de otimismo começa a impactar as vendas e refletir um cenário mais próspero. A análise é do presidente da Fecomércio (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Bahia), Carlos de Souza Andrade, em entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metropole**.

“A confiança e credibilidade da população está voltando. A vacina foi de grande valia. A tempestade está passando. Os números não são bons. Mas temos certeza que, do mês de julho até dezembro, teremos um segundo semestre bem mais promissor”, analisa.

INFLAÇÃO

Questionado por Kertész sobre o aumento da inflação neste período, Souza Andrade disse que este é mais um fator que impacta diretamente no setor.

“A inflação desse último ano, beirando a casa dos 8%, tem sido terrível. Porque o alimento fica mais caro, o combustível, o gás. O empresário já compra mais caro do fornecedor e, não tem jeito, acaba tendo que repassar para o consumidor. Então, quem paga a conta? A sociedade que paga. O câmbio, o dólar, tudo isso nos impacta e nos preocupa. Temos que ter fé na equipe econômica do governo para tentar manter a economia segura e conseguir a solução que o caso requer”, disse.

FÍSICO E VIRTUAL

O presidente da Fecomércio falou também sobre um modelo híbrido de vendas, que inclui lojas físicas e virtuais. De acordo com ele, diferente do que o senso comum prega, a melhor forma é conciliar os dois formatos.

“Vai crescer quem caminhar junto. Não dá pra trabalhar só no virtual ou só no físico. Aquelas plataformas que se desenvolverem nas duas vias, essas vão crescer muito. Esse é um consenso do setor. Estive em uma feira em Nova Iorque e o consenso é quem aliar as duas coisas”, diz.

Temos certeza que, do mês de julho até dezembro, teremos um segundo semestre mais promissor



Sabe o que faz gerar novos empregos? **Trabalho.**

A pandemia e o atraso na vacinação levaram a um desemprego recorde no país. Aqui na Bahia, o Governo do Estado não para de trabalhar pra gerar mais empregos: foram mais de 86 mil postos criados nos últimos 12 meses. Só no primeiro quadrimestre deste ano, a indústria gerou mais de 10 mil novos empregos. Hoje, a Bahia é o estado que mais gera empregos no Nordeste. E vamos seguir em frente, porque aqui tem Governo tamanho G, que cuida de gente.




**GOVERNO
DO ESTADO**
BAHIA *SEM ORGULHO*